

O GERÂNIO
CONTOS DISPERSOS

FLANNERY O'CONNOR
O GERÂNIO
CONTOS DISPERSOS

Tradução
Luís Coimbra



cavalo de ferro

© 1946, 1948, 1949, 1961, 1963, 1970, The Mary Flannery O'Connor
Charitable Trust

© **Cavalo de Ferro Editores, 2010**

para a publicação em território português

Revisão: Marta Duarte

Paginação: Finepaper

1.^a edição, Abril de 2010

ISBN: 978-989-623-117-X

Quando não encontrar algum livro Cavalo de Ferro nas livrarias,
sugerimos que visite o nosso site: **www.cavalodeferro.com**

ÍNDICE

O gerânio.....	9
O barbeiro	27
Puma	45
A colheita	57
O peru	71
O comboio	89
O descascador	103
O coração do parque	129
O festival de Partridge	149
Por que motivo se rebelam os pagãos?	185

O GERÂNIO¹

O Velho Dudley deixou-se cair na cadeira que, pouco a pouco, moldava de acordo com as formas do seu corpo e olhou pela janela, a cinco metros de si, para dentro de outra janela emoldurada por tijolos vermelhos enegrecidos. Estava à espera do gerânio. Punham-no ao sol todos os dias por volta das dez da manhã e recolhiam-no às cinco e meia da tarde. Na terra dele, a Sr.^a Carson tinha um gerânio à janela. Na terrinha havia gerânios com fatura, gerânios mais bem-parecidos do que este. Que os nossos são gerânios a sério, não há dúvida nenhuma, pensou o Velho Dudley, não são estes estafermos cor-de-rosa desmaiada com laços verdes, de papel. O gerânio que punham ali à janela fazia-lhe lembrar o menino Grisby, da sua terra, que tinha poliomielite e todas as manhãs era levado de cadeira de rodas para a rua onde o deixavam a piscar os olhos contra o sol. Lutisha teria pegado naquele gerânio para o plantar no chão e dentro de semanas seria algo digno de se ver. Aquela gente do outro lado da ruela não sabia o que fazer de um gerânio. Punham-no lá fora e deixavam-no queimar à torreira do sol o dia todo e colocavam-no tão na ponta do peitoril que só por pouco o vento não o deitava dali abaixo. Não sabiam o que fazer, não sabiam mesmo. Não devia estar para ali assim. Apertou-se um nó na garganta do Velho Dudley. Nas mãos de Lutish, qualquer coisa deitava raízes.

1. Publicado pela primeira vez na revista *Accent*, vol. VI, Verão de 1946. É o primeiro dos seis contos (pp. 1-21) que constam no manuscrito dactilografado entregue pela autora como tese final para obtenção do *Master of fine arts* na Universidade do Iowa (Junhode 1947). [N. do E.]

Nas de Rabie também. A garganta dele retesou-se. Deixou cair a cabeça para trás e tentou espairecer as ideias. Não lhe ocorria muito em que pensar que não lhe deixasse a garganta naquele estado.

Entrou a filha dele.

— Não queres ir dar uma volta? — perguntou-lhe com um ar irritado.

Ele não respondeu.

— Então?

— Não.

Interrogou-se quanto tempo ficaria ela ali especada. A filha deixava-lhe os olhos no mesmo estado em que a garganta. Ficavam marejados e ela apercebia-se. Já os havia visto assim antes e ficara com cara de quem tinha dó dele. Também ficara com ar de ter dó de si própria; mas podia ter-se poupado, pensou o Velho Dudley, se ao menos o tivesse deixado em paz — se o tivesse deixado ficar onde estava, em casa na terrinha, e não se houvesse dedicado tanto ao seu maldito dever. Ela saiu da sala, deixando atrás de si um suspiro audível, que rastejou sobre ele e lhe voltou a trazer à memória aquele momento singular — do qual a filha não tivera qualquer culpa — em que lhe dera a vontade súbita de ir morar com ela em Nova Iorque.

Podia ter-se escapado à mudança. Podia ter sido teimoso e ter-lhe dito que passaria o resto da vida onde sempre vivera, que lhe mandasse ou não mandasse dinheiro todos os meses, pois havia de governar-se com os rendimentos da pensão e de trabalhos eventuais. A filha que ficasse com a porcaria do dinheiro — fazia-lhe mais falta do que ao pai. Teria sido um consolo para ela libertar-se do dever dessa maneira. Depois, caso ele morresse sem os filhos por perto, poderia dizer que a culpa fora do próprio; se adoecesse e não tivesse ninguém para o tratar, paciência, poderia dizer

que estava mesmo a pedi-las. Mas havia aquele bichinho dentro dele que quisera conhecer Nova Iorque. Uma vez fora a Atlanta, quando era pequeno, e vira Nova Iorque numa sessão do cinematógrafo. O filme chamava-se *O ritmo da grande cidade*. As cidades grandes eram sítios importantes. O bichinho dentro dele apanhara-o desprevenido por um só instante. O lugar que ele tinha visto no cinematógrafo tinha espaço para si! Era um sítio importante e tinha espaço para si! E Dudley dissera que sim, que iria.

Decerto estava doente quando o disse. Não podia estar bem de saúde quando disse aquilo. Estava doente, e ela dedicara-se tanto ao seu maldito dever que lhe arrancara as palavras da boca. Porque teria ela sequer ido amofiná-lo à terrinha? A vida não lhe estava a correr mal. Tinha os rendimentos da pensão para comprar comida e dos trabalhos eventuais para cobrir a renda do quarto na residência.

A janela desse quarto tinha vista para o rio — pastoso e vermelho, a arrastar-se com dificuldade para galgar as pedras e dobrar as curvas. Tentou lembrar-se de como era o rio para além de vermelho e vagaroso. Acrescentou-lhe borrões verdes que faziam as vezes de árvores em ambas as margens e uma mancha castanha que representava entulho algures a montante. Pescava com Rabie naquelas águas todas as quartas-feiras num barco de fundo chato. Rabie conhecia bem aquele rio numa extensão de vinte milhas para montante e para jusante. Não havia outro preto em Coa County que o conhecesse tão bem como ele. Adorava o rio, mas este não tinha qualquer significado para o Velho Dudley. O que lhe interessava eram os peixes. Gostava de voltar a casa à noite com uma fiada deles e despejá-los de chapa no lavatório.

— Têm aí uns peixes que pesquei — dizia então.

As velhotas da residência passavam a vida a dizer que apanhar peixe era trabalho de homem. Ele e Rabie abalavam

cedo, quarta-feira de manhã, e passavam o dia à pesca. Rabie encontrava os melhores sítios e remava; era sempre o Velho Dudley quem pescava o peixe. Rabie não mostrava muito interesse em apanhá-lo — simplesmente adorava o rio.

— Não vale a pena deitar a linha aí, patrão — dizia ele. — Aí não há peixe nenhum. Este rio velho não esconde nada por estes lados, não senhor.

Posto isso, ria-se e dirigia o barco para jusante. Rabie era assim. Era mais matreiro que uma raposa, mas sabia onde estava o peixe. O Velho Dudley deixava-o sempre ficar com os mais pequenos.

O Velho Dudley morara no quarto do canto no primeiro andar da residência desde a morte da esposa em 1922. Era o protector das idosas. Era o homem da casa e fazia o que ao homem da casa competia. Era uma ocupação aborrecida durante a noite, quando as velhas cacarejavam e faziam croché na saleta e o homem da casa se via obrigado a ouvi-las e a arbitrar aquelas guerras apardaladas com que se alvoroçavam chilreantes e lhe arranhavam os tímpanos intermitentemente. Mas de dia tinha Rabie. Rabie e Lutisha moravam lá em baixo, na cave. Lutish cozinhava e Rabie tratava das limpezas e cuidava da horta; mas era lesto a escapar-se deixando o trabalho a meio para ajudar o Velho Dudley com qualquer projecto do momento: fosse construir uma capoeira ou pintar uma porta. Gostava de ouvir, gostou de ouvir falar de como era Atlanta quando o Velho Dudley lá foi, de aprender como se constituíam as armas por dentro e tudo o mais que o velho sabia.

Às vezes, à noite, iam caçar sarigueias. Nunca apanharam nenhuma, mas de quando em vez o Velho Dudley gostava de fugir das senhoras, e caçar era uma boa desculpa para isso. Rabie não gostava de caçar sarigueias. Nunca apanharam nenhuma; nunca conseguiram sequer levar alguma a

esconder-se numa árvore; além disso, era um preto com tendências sobretudo aquáticas.

— Hoje não vamos caçar sarigueias, pois não, patrão? Tenho uns trabalhos que quero fazer — dizia quando o Velho Dudley se punha a falar de cães e de armas.

— Vais assaltar a capoeira de quem? — ria Dudley.

— Afinal, parece que hoje vou caçar sarigueias — suspirava Rabie.

O Velho Dudley ia buscar a arma e desmontava-a, e, à medida que Rabie limpava as peças, explicava-lhe os mecanismos. Depois reconstituía tudo. Rabie ficava sempre maravilhado com a capacidade que ele tinha de montar tudo outra vez. O Velho Dudley gostaria de ter explicado Nova Iorque a Rabie. Se lha pudesse ter mostrado, não lhe teria parecido tão grande — não se teria sentido oprimido cada vez que saía à rua. Não é assim tão grande, teria dito. Não te deixes abater por ela, Rabie. É como outra cidade qualquer e as cidades não são assim tão complicadas.

Mas eram. Nova Iorque era elegante e agitada num instante, suja e mortíça no seguinte. A filha dele nem sequer morava numa casa. Morava num prédio — no meio de uma fileira de prédios todos iguais, cinzentões e vermelhos, enegrecidos, cheios de gente de voz áspera que ficava pendurada para fora da janela a olhar para outras janelas e outra gente como aquela que olhava também. Dentro do prédio podia subir-se e podia descer-se e havia um sem-fim de corredores que faziam lembrar fitas métricas desenroladas com portas de centímetro em centímetro. Recordava-se de ter ficado espantado com o prédio na primeira semana. Acordava na expectativa de os corredores terem mudado de sítio a meio da noite, espreitava pela porta e lá estavam eles, entendidos como canis corridos. As ruas também eram assim. Perguntava-se a si próprio onde iria parar se caminhasse até

ao fim de uma delas. Numa noite sonhou que assim fazia e ia ter à ponta do prédio — a lado nenhum.

Na semana seguinte tornou-se mais consciente da presença da filha, do genro e do filho de ambos — não havia canto onde não os estorvasse. O genro era uma ave rara. Conduzia um camião e só vinha a casa aos fins-de-semana. Dizia «ná» em vez de «não» e nunca tinha ouvido falar de sarigueias. O Velho Dudley dormia no quarto com o menino, que tinha dezasseis anos e com quem não se podia falar. Mas às vezes, quando o Velho Dudley e a filha ficavam a sós no apartamento, esta sentava-se para conversar com ele. Primeiro tinha de pensar em qualquer coisa para dizer. Normalmente esgotava o assunto antes de chegar o que considerava ser a altura correcta para se levantar e ir fazer outra coisa, portanto ele tinha de dizer fosse o que fosse. Tentava sempre lembrar-se de algo que não tivesse dito antes. Ela nunca se dignava a ouvir a mesma conversa duas vezes. Estava empenhada em que o pai passasse os últimos anos de vida com a sua própria família e não numa residência decrépita cheia de velhotas de cabeças trémulas. Estava a cumprir o seu dever. Tinha irmãos e irmãs que não cumpriam.

Uma vez levou-o às compras mas ele andava demasiado devagar. Foram de «metro» — um caminho-de-ferro que se estendia debaixo da terra como se fosse uma grande caverna. Saía a fervilhar dos comboios um mar de gente que subia escadarias e escoava para a rua. Outra gente havia que vinha a correr da rua pelas escadas abaixo e entrava nos comboios — pretos e brancos e amarelos, todos misturados como legumes na sopa. Tudo ali fervilhava. Os comboios vinham repentinos dos túneis, metiam-se em canais e subitamente paravam. As pessoas que saíam abriam caminho ao empurrão por entre as pessoas que entravam, ouvia-se um sinal sonoro e o comboio tornava a fugir. O Velho Dudley

e a filha tiveram de entrar em três diferentes antes de chegarem ao seu destino. Ele interrogou-se porque se dariam as pessoas sequer ao trabalho de sair de casa. Ficou com a sensação de que a língua lhe escorregara para dentro do estômago. Ela segurou-o pela manga do casaco e puxou-o pelo meio da multidão.

Também viajaram num comboio suspenso. A filha chamou-lhe «*El*». Tiveram de subir a uma plataforma elevada para o apanhar. O Velho Dudley espreitou por cima do corrimão e viu a pressa das pessoas e a pressa dos automóveis por baixo de si. Sentiu-se enjoado. Apoiou uma mão no corrimão e deixou-se cair no piso de madeira da plataforma. A filha gritou e puxou-o para longe do precipício.

— Quer cair daí e matar-se? — berrou.

Através de uma fresta entre as tábuas, ele via as manobras dos carros na rua.

— Tanto me faz — murmurou —, tanto me faz se morro ou não morro.

— Vamos — disse ela —, vai-se sentir melhor quando chegarmos a casa.

— A casa? — repetiu o pai.

Os carros passavam ritmados por baixo dele.

— Venha daí — insistiu a filha —, o comboio está a chegar; só temos tempo de o apanhar mesmo à rasquinha.

Tinham tido tempo de apanhá-los todos mesmo à rasquinha.

Apanharam aquele. Regressaram ao prédio e ao apartamento. O apartamento era demasiado apertado. Não havia lugar para se ficar onde não estivesse mais ninguém. A porta da cozinha dava para a casa de banho e a casa de banho dava para todas as outras divisões e, onde quer que se fosse, não se saía do ponto de partida. Na terra dele, a casa tinha um andar de cima e a cave, havia o rio e a baixa à frente do Fraziers... raios partam aquele nó na garganta.

Hoje o gerânio estava atrasado. Eram dez e meia. Costumavam pô-lo na rua às dez e um quarto.

Algures ao fundo do corredor, uma mulher estridente gritava algo de ininteligível para a rua em baixo; um rádio balia a música já gasta de uma novela radiofónica; um caixote do lixo caía aos trambolhões pela escada de incêndio abaixo. A porta do apartamento ao lado bateu e ouviu-se o som de passos a estalarem em surdina ao longo do corredor.

— Deve ser o preto — resmungou o Velho Dudley. — O preto dos sapatos engraxados.

Vivia no prédio há uma semana quando o preto se mudou para lá. Nessa quinta-feira estava a espreitar pela porta para os canis corridos quando o tal preto entrou no apartamento ao lado. Vestia um fato cinzento, às riscas, com uma gravata acastanhada. Tinha uma camisa de golas brancas e engomadas que lhe desenhavam rectas perfeitas junto ao pescoço. Usava sapatos castanhos e lustrosos — condiziam com a gravata e com o seu tom de pele. O Velho Dudley coçou a cabeça. Não imaginava que a laia de gente que vivia apinhada num prédio tinha dinheiro para criados. Riu por entre dentes. Um preto de fato domingueiro havia de servir-lhes de muito. Talvez este preto conhecesse o campo nas redondezas — ou talvez soubesse como chegar lá. Talvez pudessem ir caçar juntos. Talvez encontrassem um ribeiro algures. Fechou a porta e foi ao quarto da filha.

— Ei! — berrou —, os vizinhos do lado arranjaram um preto. Deve vir cá fazer as limpezas. Achas que vão precisar dele todos os dias?

Ela levantou o olhar da cama que estava a fazer.

— O que estás para aí a dizer?

— Estou-te a dizer que os vizinhos do lado arranjaram um criado — um preto — todo aperaltado com um fato domingueiro.

A filha contornou a cama em direcção ao lado oposto.

— Deves estar doido — atirou. — O apartamento ao lado está vazio, além disso ninguém tem dinheiro para ter criados nesta vizinhança.

— Estou-te a dizer que o vi — riu o Velho Dudley. — Estava a entrar lá para dentro, engravatado e de golas brancas e com sapatos bicudos.

— Se entrou lá, está a ver se fica com a casa para ele — respondeu por entre dentes. Dirigiu-se para a cómoda e começou a remexer nas gavetas.

O Velho Dudley riu-se. A filha até tinha muita piada, quando queria.

— Bem — concluiu —, acho que vou até lá para saber em que dia tem folga. Se calhar ainda o consigo convencer a gostar de pescar — e deu uma palmada no bolso para choalhar os trocos que guardava lá dentro. Antes de ter saído para o corredor, a filha veio a correr atrás dele e puxou-o para dentro de casa.

— És surdo? — gritou. — Estava a falar a sério. Se ele entrou lá, é porque vai alugar a casa. Não te ponhas a fazer-lhe perguntas e não metas conversa com o homem. Não quero cá sarilhos com pretos.

— Queres dizer — murmurou o Velho Dudley — que ele vai morar ao teu lado?

A filha encolheu os ombros.

— Pelos vistos, vai. E não metas o nariz onde não és chamado — acrescentou. — Não quero cá conversas com ele.

Foi assim mesmo que colocou a questão. Como se ele não tivesse juízo nenhum. Mas aí disse-lhe das boas. Marcou a sua posição e ela percebeu onde ele queria chegar.

— Não foi assim que te criei! — troou num tom tempestuoso. — Não te criei para viveres paredes-meias com pretos que se acham tão bons como tu, e ainda tens a lata de julgar

que alguma vez seria capaz de me meter com gente daquela raça! Se julgas que quero alguma coisa com eles, estás muito enganada.

Teve de se acalmar por ter começado a sentir aquele aperto na garganta. Ela pusera-se muito direitinha e dissera que moravam onde tinham dinheiro para pagar a renda e tiravam o melhor proveito possível das circunstâncias. Teve o desprante de lhe dar um sermão! Depois saíra dali empertigada, sem mais uma palavra. Ela era assim mesmo. Armava-se em superior, de ombros curvados e pescoço no ar. Como se o pai fosse tolo. Este sabia que os ianques deixavam entrar pretos pela porta da frente e permitiam que se sentassem no sofá, mas não imaginava que a sua própria filha, que fora criada como deve ser, pudesse morar paredes-meias com eles — e ainda por cima pensar que o pai não tinha tino que chegasse para não se misturar com aquela gente. Logo ele!

Levantou-se e tirou um jornal de cima de outra cadeira. Mais valia fingir que estava a ler quando ela voltasse a passar. Escusava de lhe dar pretexto para se plantar ali a olhar para ele, convencida de que tinha de inventar alguma coisa para o entreter. Espreitou por cima do jornal para a janela do lado oposto da rua. O gerânio ainda não estava à vista. Nunca se tinha atrasado tanto como hoje. No primeiro dia em que o vira, estava sentado a olhar da sua janela para a outra e consultara o relógio para ver quanto tempo passara desde o pequeno-almoço. Quando levantou o olhar, lá estava ele. Apanhou-o de surpresa. Não gostava de flores, mas o gerânio não tinha aspecto de flor. Fazia lembrar o Grisby, o doentinho da terra dele, e era da cor das cortinas que as velhotas tinham na saleta, e o laçarote de papel parecia aquele que Lutish usava nas costas da farda aos domingos. Lutish gostava de usar faixas. A maior parte das pretas gostava de as usar, pensou o Velho Dudley.

A filha tornou a passar. A intenção dele era estar a olhar para o jornal quando ela entrasse.

— Faz-me um favor, fazes? — perguntou como se tivesse acabado de lhe ocorrer um jeito que ele lhe podia fazer.

Esperava que não lhe tornasse a pedir para ir à mercearia. Da última vez tinha-se perdido. Os estupores dos edifícios pareciam todos iguais. Assentiu com a cabeça.

— Desce ao terceiro andar e pede à Sr.^a Schmitt para me emprestar o padrão que usa para as camisas do Jake.

Porque não poderia deixá-lo pura e simplesmente sossegado? Não precisava do padrão para nada.

— Está bem — respondeu. — Qual é o número da porta?

— É o número 10. Fica mesmo por baixo de nós, três andares mais abaixo.

O Velho Dudley tinha sempre medo que, quando saísse para os canis corridos, se abrisse de súbito uma porta e um daqueles homens pencudos que se viam pendurados de camisola interior nos peitoris das janelas lhe rosnasse: O que está para aí a fazer? A porta do apartamento do preto estava aberta e entreviu uma mulher sentada numa cadeira à janela.

— Pretos ianques — resmungou.

A mulher usava óculos sem aros e tinha um livro no colo. Os pretos só se sentem vestidos quando põem as lunetas na cara, pensou o Velho Dudley. Lembrou-se dos óculos de Lutish. Ela poupava treze dólares para os comprar. Depois foi ao médico e pediu-lhe que lhe observasse a vista e lhe dissesse quão espessas seriam as lentes que devia comprar. O doutor obrigou-a a olhar para desenhos de animais através de um espelho e enfiou-lhe uma luz nos olhos para lhe ver o recheio da cabeça. Depois comunicou-lhe que não precisava de usar óculos. Ficou tão fula que deixou queimar

a broa de milho três dias de seguida, mas comprou um par de óculos de qualquer maneira, na loja de pechinchas. Só lhe custaram um dólar e noventa e oito e usava-os todos os sábados.

— Os pretos são assim — escarneceu o Velho Dudley.

Percebeu que fizera barulho e tapou a boca com a mão, não fosse alguém ouvi-lo no interior de um dos apartamentos.

Voltou-se para descer o primeiro lance de escadas. Quando estava a descer o segundo, ouviu o som de passos a subir. Espreitou por cima do corrimão e viu que era uma mulher — uma mulher gorda de avental. Vista de cima, quase parecia a Sr.^a Benson, da terrinha. Perguntou-se se ela lhe diria alguma coisa. Quando estavam a quatro degraus um do outro, deitou-lhe um olhar furtivo, mas ela não estava a olhar para si. Quando não havia nenhum degrau entre ambos, os olhos fugiram-lhe para cima por um instante e deu com a mulher a olhar directamente para ele. Depois passou ao seu lado. Não lhe dissera uma única palavra. Sentiu um peso no estômago.

Desceu quatro lances e não três. Então, tornou a subir um deles e encontrou o número 10. A Sr.^a Schmitt disse que tudo bem, que esperasse um pouco enquanto ia buscar o padrão. Mandou um dos filhos trazê-lo à porta. A criança não abriu a boca.

O Velho Dudley recomeçou a subir as escadas. Agora tinha de seguir mais devagarinho. Subir cansava. Parecia que se cansava de tudo. Já não era como quando tinha Rabie para tratar dos recados. Rabie era um preto levezinho. Era capaz de se esgueirar para dentro de uma capoeira sem sequer as galinhas darem por isso e de apanhar a mais roliça que lá estivesse sem se ouvir um único cacarejo. Além disso, era rápido. Dudley sempre tivera pés de chumbo. Os gordos tinham essa tendência. Lembrava-se de uma vez ter ido caçar codornizes com Rabie perto de Molton. Tinham um cão

que era capaz de descobrir um bando mais depressa do que qualquer perdigueiro de raça. Não prestava para lhes trazer as peças de caça, mas encontrava-as sempre sem falhar e sentava-se hirto como um cepo enquanto faziam pontaria às aves. Daquela vez, o cão estacou de repente.

— Vai ser uma carrada delas — sussurrou Rabie —, está-se mesmo a ver.

O Velho Dudley levantou a arma lentamente à medida que avançavam. Tinha de ter cuidado com as agulhas dos pinheiros. Estavam espalhadas pelo chão e tornavam-no escorregadio. Rabie ia alternando o peso do corpo entre uma perna e a outra, levantando e pousando os pés nas agulhas traiçoeiras com cautela inconsciente. Ia olhando directamente para a frente e avançava depressa. O Velho Dudley mantinha um olho fixo em frente e o outro no chão. O piso ora se inclinava e ele deslizava perigosamente em frente, ora ao afadigar-se para subir algum declive, tornava a escorregar para trás.

— Desta vez, não é melhor ir eu apanhar os bichos, patrão? — sugeriu Rabie. — O patrão nunca se aguenta muito bem nas pernas à segunda-feira. Se cair por aí abaixo, mais cedo espanta a caça do que faz pontaria.

O Velho Dudley queria apanhar aquele bando. Era capaz de matar quatro, sem problemas.

— Eu trato delas — murmurou.

Levantou a arma à altura do olho e inclinou-se para a frente. Algo deslizou por baixo dele e escorregou para trás, travando com os calcanhares. A arma disparou e espalhou-se um leque de codornizes no ar.

— Deixámos fugir umas ricas codornizes — suspirou Rabie.

— Havemos de encontrar outras — respondeu o Velho Dudley. — Agora tira-me deste maldito buraco!

Podia ter apanhado cinco bichos daqueles se não tivesse caído. Podia tê-los abatido como se fossem latas perfiladas em cima de uma vedação. Recuou uma mão para junto da orelha e estendeu a outra para a frente. Podia ter dado cabo delas como se estivesse a treinar tiro aos pratos. Pum! Um chio nas escadas fez com que se virasse — com a arma invisível ainda segura nos braços. O preto aproximava-se com os sapatos a arrancarem estalidos aos degraus, o bigode aparado a estender-se num sorriso divertido. O Velho Dudley ficou boquiaberto. Os lábios do preto descaíam nos cantos como se estivesse a esforçar-se para não se rir. O Velho Dudley ficou incapaz de se mexer. Olhou para as linhas precisas que as golas do preto desenhavam rente à pele.

— Anda à caça do quê, velhote? — perguntou o Negro numa voz que soava a riso de preto e a chacota de branco.

O Velho Dudley sentiu-se como um miúdo com uma pistola de brincar. Tinha a boca aberta e a língua encalhada lá dentro. Imediatamente por baixo de si, os joelhos pareciam ocos. Fugiu-lhe o chão debaixo dos pés, escorregou três degraus e aterrou sentado.

— É melhor ter cuidado — advertiu-o o Negro. — Olhe que ainda se aleija nesses degraus.

Estendeu a mão para ajudar o Velho Dudley a levantar-se. Era uma mão delgada e comprida, nas cabeças dos dedos as unhas estavam limpas e bem cortadas. Parecia que talvez tivessem sido limadas. O Velho Dudley ficou com as mãos dependuradas entre os joelhos. O preto pegou nele por baixo do braço e levantou-o do chão.

— Ufa! — ofegou. — É pesado. Veja lá se também ajuda um bocadinho.

Os joelhos do Velho Dudley desdobraram-se e ergueu-se vacilante. O preto tinha-o içado pelo braço.

— Também vou subir — proferiu este. — Aproveito para o ajudar.

O Velho Dudley olhou freneticamente em volta. Os passos atrás de si pareciam ter-se silenciado. Subia as escadas com o preto. O preto esperava por ele a cada degrau que transpunha.

— Com que então, é caçador — disse o preto. — Bem, deixe cá ver... Uma vez fui caçar veados. Acho que usámos uma *Dodson*, calibre 38, para os apanhar. Com o que é que você caça?

O Velho Dudley tinha os olhos fixos nos sapatos castanhos lustrosos.

— Eu caço com arma — mastigou.

— Eu cá gosto mais de mexer em armas do que de caçar — afirmou o preto. — Nunca tive muito jeito para matar fosse o que fosse. Acho que é uma pena esgotarmos as reservas de caça. Mas até era capaz de coleccionar armas, se tivesse tempo e dinheiro para isso.

Esperava em cada degrau que transpunha até o Velho Dudley lá chegar. Estava a explicar-lhe as armas e os fabricantes. Calçava meias cinzentas com uma mancha preta. Acabaram-se os degraus. O preto acompanhou-o pelo corredor abaixo, amparando-o pelo braço. Provavelmente dava a impressão de que ia de braço dado com o preto.

Seguiram até à porta de casa do Velho Dudley. Então, o preto perguntou:

— É destes lados?

O Velho Dudley abanou a cabeça de um lado para o outro, a olhar para a porta. Ainda não tinha olhado para o preto. Pela escadaria acima, nunca olhara para o preto.

— Bem — disse-lhe este —, é um sítio impecável — só é preciso habituarmo-nos a ele.

Deu uma palmada nas costas do Velho Dudley e entrou no seu próprio apartamento. O Velho Dudley entrou no

dele. A dor que sentia na garganta estava-lhe agora estampada no rosto, a transbordar-lhe pelos olhos.

Arrastou os pés até à cadeira que estava junto à janela e deixou-se cair no assento. Sentia a garganta à beira de estoirar. Ia estoirar-se a garganta por causa do preto — o raio do preto que lhe dera uma palmada nas costas e lhe chamara «velhote». A ele que sabia que coisas daquelas não podiam acontecer. Ele que tinha vindo de uma boa terra. Uma boa terra. Uma terra onde tais coisas não podiam acontecer. Sentiu que os olhos eram estranhos às órbitas. Inchavam-lhe por dentro e em breve não teriam espaço onde caber. Era um prisioneiro naquele sítio onde os pretos lhe podiam chamar «velhote». Recusava-se a ficar refém. Recusava-se a isso. Rolou a cabeça ao longo das costas da cadeira para esticar o pescoço que lhe parecia demasiado cheio.

Estava um homem a olhar para ele. Um homem à janela do outro lado da rua, a olhar directamente para ele. O homem a vê-lo chorar. Devia estar ali o gerânio e em vez disso estava um homem de camisola interior, a vê-lo chorar, à espera de lhe ver a garganta estoirar. O Velho Dudley retribuiu o olhar do homem que devia ser o gerânio. Aquele era o lugar do gerânio e não do homem.

— Onde está o gerânio? — indagou forçando a garganta contraída.

— Está a chorar para quê? — perguntou-lhe o outro. — Nunca vi um homem a chorar dessa maneira.

— Onde está o gerânio? — repetiu Dudley com a voz trememente. — Devia estar aí. Você não.

— A janela é minha — lançou o homem. — Tenho direito a estar aqui se me apetecer.

— Para onde é que ele foi? — esganiçou-se o Velho Dudley. Só lhe restava uma nesga de espaço na garganta.

— Caiu. Não que tenha alguma coisa a ver com isso — respondeu o outro.

O Velho Dudley levantou-se e espreitou por cima do peitoril. Na ruela, muito ao fundo, seis andares mais abaixo, via um vaso feito em cacos, espalhados sobre um borrifo de terra com qualquer coisa cor-de-rosa espetada num laçarote verde. Tinha caído seis andares. Tinha-se partido seis andares mais abaixo.

O Velho Dudley olhou para o homem que mascava pastilha elástica à espera que a sua garganta estoirasse.

— Não o devia ter posto tão à beirinha — murmurou. — Porque é que não o vai buscar?

— Vá lá você, avozinho.

O Velho Dudley ficou a olhar para o homem que ocupava o lugar do gerânio.

Ia apanhá-lo. Ia descer para o ir buscar. Ia pô-lo à janela da sua própria casa e havia de ficar a olhá-lo o dia todo se lhe apetecesse. Virou costas à janela e saiu da sala. Atravessou lentamente o canil corrido e chegou à escadaria. As escadas desciam como uma ferida funda no sobrado. Abriam uma brecha cavernosa e desciam, desciam, desciam. E ele subira-as ligeiramente atrás do preto. E o preto ajudara-o a pôr-se de pé e amparara-o pelo braço e subira os degraus com ele e dissera-lhe que caçava veados, «velhote», e vira-o apontar uma arma inexistente e sentar-se nos degraus como se fosse uma criança. Calçava sapatos castanhos lustrosos e tentava conter o riso como se tudo aquilo desse vontade de rir. Provavelmente havia pretos com manchas negras nas meias em todos os degraus, a repuxarem os cantos da boca para baixo para não rirem. Os degraus caíam cada vez mais fundo. Recusava-se a descê-los para depois ter pretos a darem-lhe palmadas nas costas. Voltou para a sala, para a beira da janela e olhou para o gerânio lá em baixo.

Encontrou o homem sentado onde devia estar a flor.

— Não o vi ir lá buscá-lo — atirou este.

O Velho Dudley olhou para o homem.

— Já o tinha visto aí antes — disse o outro. — Tenho-o visto sentado nessa cadeira velha todos os dias, a olhar pela janela, a espreitar para dentro da minha casa. O que eu faço em minha casa não é da sua conta, ouviu? Não gosto que estejam a olhar para o que eu faço.

Estava lá em baixo na ruela de raízes para o ar.

— Não o torno a avisar — disse-lhe o homem e afastou-se da janela.

O BARBEIRO¹

A vida é difícil para os liberais, em Dilton.

Concluídas as eleições primárias democratas², Rayber mudou de barbeiro. Três semanas antes, enquanto lhe fazia a barba, o barbeiro perguntou-lhe:

— Vai votar em quem?

— No Darmon — respondeu Rayber.

— Você gosta de pretos?

Rayber deu um salto na cadeira. Não contava ser abordado de um modo tão brutal.

— Não — respondeu. Se não o houvessem apanhado desprevenido, teria dito: Não gosto nem de negros nem de brancos. Já antes tinha dito o mesmo a Jacobs, o professor de filosofia, e, só para mostrar como é difícil a vida para os liberais em Dilton, Jacobs, um homem que até tinha alguma instrução, respondera entre dentes:

— É uma maneira de estar muito triste.

— Porquê? — perguntara-lhe Rayber com brusquidão. Sabia-se capaz de ganhar uma discussão a Jacobs.

Este respondera-lhe:

— Esqueça isso.

1. Publicado pela primeira vez na revista *Atlantic*, vol. 226, n.º4, Outubro de 1970. Segundo conto da tese (pp. 21-39). [N. do E.]

2. No original: «Democratic White Primary». Designação do sufrágio através do qual se efectuava a eleição directa dos candidatos do Partido Democrata norte-americano às eleições gerais de foro regional (no âmbito estadual ou de divisões administrativas menores). Até meados do século xx, em diversos estados no Sul do país era prática corrente do Partido impor critérios restritivos para a participação nessas Primárias, inclusive critérios de natureza racial. [N. do T.]

Tinha uma aula para dar. Rayber reparava que as aulas dele tendiam a decorrer quando estava prestes a envolvê-lo numa discussão.

Não gosto nem de negros nem de brancos, teria Rayber dito ao barbeiro.

O barbeiro limpou um caminho a direito pelo meio da espuma e apontou com a navalha para Rayber.

— Oiça o que lhe digo — começou —, agora só há dois lados nesta questão: o branco e o preto. Toda a gente vê isso depois desta campanha toda. Sabe o que disse o Hawk? Disse que há cento e cinquenta anos andavam todos a correr atrás uns dos outros, andavam a comer-se uns aos outros, a caçar pássaros com pedras preciosas, a esfolar cavalos à dentada. Ainda outro dia entrou um preto numa barbearia branca em Atlanta e disse: «corte-me o cabelo». Correram com ele dali para fora, mas já está a ver ao que chegámos, senão oiça: três hienas pretas, para os lados de Mulford, ainda o mês passado deram um tiro num branco e limparam-lhe metade do recheio da casa, e sabe onde estão hoje? Sentadinhos no estabelecimento prisional, a comer tão bem como se fossem o Presidente dos Estados Unidos. Se os pusessem a trabalhar acorrentados uns aos outros, ainda se sujavam, ou talvez passasse algum maldito defensor dos pretos e ficasse de coração despedaçado por os ver a partir brita. Pois deixe-me dizer-lhe o seguinte: isto não vai endireitar-se enquanto não nos livrarmos dos Mother Hubbards³ e não elegermos um homem que consiga pôr esses pretos no seu devido lugar. E isso é que é!

— Ouviste esta, George? — gritou para o rapaz de cor que se encontrava a varrer o chão em torno das bacias.

³ «Mother Hubbard» é a protagonista de uma antiga cantilena infantil anglófona. Resumindo, o poema narra as peripécias da dita senhora idosa, que passa a vida a correr de um lado para o outro, a tentar agradar ao seu prezado cão, ficando praticamente refém das necessidades sempre imprevisíveis deste. [N. do T.]

— Ouvi — respondeu George.

Estava na hora de Rayber tecer algum comentário, mas não lhe ocorria nada a preceito. Queria dizer alguma coisa que George compreendesse. Ficou espantado por este ter sido incluído na conversa. Lembrou-se de Jacobs lhe ter falado da semana que passara a leccionar numa faculdade para negros. Lá não se podia dizer negro — preto — de cor — escuro. Jacobs disse-lhe que quando regressava a casa todas as noites gritava: «PRETO, PRETO, PRETO» pela janela dos fundos. Rayber interrogou-se sobre qual seria a inclinação política de George. Tinha ar de ser um rapaz compostinho.

— Se um preto entrasse na minha loja, armado aos cucos, e me pedisse um corte de cabelo, pode crer que lhe cortava qualquer coisa. — O barbeiro fez um barulho com a língua entre os dentes. — Você é um Mother Hubbard? — perguntou.

— Vou votar no Darmon, se é aí que quer chegar — respondeu Rayber.

— Alguma vez ouviu um discurso do Hawkson?

— Já tive esse prazer — respondeu Rayber.

— Ouviu o último que ele proferiu?

— Não. Se bem entendo, os comentários dele não se alteram de discurso para discurso — opinou Rayber concisamente.

— Ai, não? — retorquiu o barbeiro. — Pois olhe que este último discurso foi de arrasar! O Hawk disse das boas sobre os Mother Hubbards.

— Há muito boa gente — disse Rayber — que considera o Hawkson um demagogo. — Interrogou-se se George saberia o que era um demagogo. Devia antes ter dito: «político mentiroso».

— Um demagogo! — O barbeiro deu uma palmada no joelho e um urro. — Foi isso mesmo que o Hawk disse!

— uivou. — Essa foi demais! Amigos, disse ele, aqueles Mother Hubbards chamam-me demagogo. Depois empinou-se um bocado e acrescentou, a modos que de mansinho, Acham que sou um demagogo, povo? Gritaram todos, Não, Hawk, não és nenhum demagogo! Aí ele chegou-se à frente e gritou, Ah, isso é que sou! E sou o melhor demagogo deste Estado! Havia de ter visto aquela gente toda a aplaudir! Ufa!

— Deve ter sido um grande espectáculo — declarou Rayber —, mas não passou de um...

— Mother Hubbard — disse o barbeiro entre dentes. — Está visto que já se deixou enrolar por essa malta. Deixe-me dizer-lhe uma coisa... — e recapitulou o discurso de Hawkson nas festas do Quatro de Julho. Tinha sido outro de arrasar, rematado com um poema. Quem é o Darmon?, pediu Hawk que lhe dissessem. Pois, quem é o Darmon?, gritou a multidão. Ora, não sabem? Pois é o Little Boy Blue⁴ da canção, anda sempre a cornetear. Isso mesmo. Deixa os bebés no meio do prado e os pretos todos a pastar. Chiça! Esse é que Rayber devia mesmo ter ouvido. Não havia Mother Hubbard que tivesse aguentado aquela descasca.

A Rayber, pareceu-lhe que o barbeiro devia ler alguns...

Oiça, não precisava de ler nada. Bastava-lhe pensar. Era esse o mal da gente de hoje em dia: não pensava, não tinha o mínimo bom senso. Porque é que Rayber não pensava? Onde estava o senso comum dele?

Porque é que me estou a esforçar?, pensou Rayber, irritado.

— Não, senhor! — atirou o barbeiro. — As palavras caras não valem nada. Não chegam para substituir o pensamento.

4 «Little Boy Blue» é o protagonista de outra cantilena infantil anglófona, esta sobre um menino que passa a vida a dormir e a tocar corneta, em vez de zelar pelo gado e pelo rebanho que tem de guardar. [N. do T.]

— O pensamento! — gritou Rayber. — Você julga-se bem pensante?

— Oiça — pediu o barbeiro —, sabe o que disse o Hawk àquela gente de Tilford? Em Tilford, Hawk declarara que não tinha nada contra os pretos que se mantivessem no seu devido lugar, mas se estes não ficassem no lugar que lhes competia, saberia onde metê-los. E esta, hein?

Rayber quis saber o que é que isso tinha que ver com o pensamento.

O barbeiro pensava que a relação entre isso e o pensamento saltava à vista como um porco sentado num sofá. Pensava muitas outras coisas para além dessa e fez questão de as partilhar com Rayber. Disse que Rayber devia ter ouvido os discursos de Hawkson em Mullin's Oak, Bedford e Chickerville.

Rayber voltou a recostar-se na cadeira e lembrou ao barbeiro que tinha ido ali para este lhe fazer a barba.

O barbeiro recomeçou a barbeá-lo. Disse que Rayber devia ter ouvido o discurso que ele fizera em Spartasville.

— Não houve um único Mother Hubbard que se tenha aguentado em pé, e os Boy Blues ficaram todos com as cornetas rachadas. O Hawk afirmou — disse ele — que estava na hora de nos sentarmos em cima da tampa com...

— Tenho um compromisso — atalhou Rayber. — Estou cheio de pressa. — Porque haveria ele de ficar ali a ouvir tais baboseiras?

Por mais disparatada que tenha sido, toda aquela conversa imbecil teimou em perseguir-lo o resto do dia e desfilou-lhe nos pensamentos de forma persistente e pormenorizada depois de ter ido para a cama à noite. Para seu desgosto, deu por si a lembrá-la entremeada com o que teria dito se lhe houvesse sido dada oportunidade de se preparar. Interrogou-se como teria Jacobs descalçado a bota. Jacobs tinha uma maneira de

estar que levava as pessoas a crerem que sabia mais do que Rayber julgava que ele sabia. Até nem era um mau talento na profissão dele. Rayber divertia-se muitas vezes a analisar aquela postura. Jacobs despachado o barbeiro com a maior das calmas. Rayber recomeçou a conversa desde o início, reflectindo sobre de que modo teria Jacobs teria gerido a situação. Terminou a conversa desempenhando já o seu próprio papel.

Quando voltou ao barbeiro, já se tinha esquecido da discussão. O barbeiro também se parecia ter esquecido. Despachou o toma lá, dá cá sobre o estado do tempo e parou de falar. Rayber pensava no que iria comer ao jantar. Ah, era terça-feira. À terça-feira, a esposa cozinhava carne enlatada. Tirava a carne da lata e assava-a no forno com queijo — fatias de carne intercaladas com fatias de queijo —, o que formava um bolo listrado. Porque é que comemos esta porcaria todas as terças-feiras? Se não gostas, escusas de...

— Continua a ser um Mother Hubbard?

Rayber voltou a cabeça bruscamente.

— Como?

— Sempre vai votar no Darmon?

— Sim — confirmou Rayber, e o seu cérebro correu logo em busca da reserva de respostas preparadas.

— Então, escute lá. Vocês, os professores, está a ver?, parece que, bem... — Ficou confuso. Rayber via que o barbeiro não estava tão seguro de si como da última vez. Provavelmente pensava que tinha mais um argumento para salientar. — Parece que vocês até deviam votar no Hawk, por causa do que ele disse sobre os ordenados dos professores. Quer parecer-me que você devia ter mudado de opinião. E porque não? Não quer ganhar mais dinheiro?

— Mais dinheiro! — riu Rayber. — Não sabe que com um mau governador tenho mais dinheiro a perder do que ele alguma vez me poderá dar? — Chegou à conclusão de que

finalmente atingia o nível do barbeiro. — Ora, ele tem aversão a demasiados tipos de pessoas — continuou. — Ainda me custava o dobro do Darmon.

— E se custasse? — replicou o barbeiro. — Eu cá não sou de fechar os cordões à bolsa quando tenho a ganhar com isso. Estou mais do que disposto a pagar para ter qualidade.

— Não era isso que eu queria dizer — começou Rayber. — Não era...

— De qualquer maneira, aquele aumento que o Hawk prometeu não se aplica a professores como esse senhor — disse alguém do fundo da sala, um homem gordo, com uma aura de confiança executiva, que se aproximou de Rayber. — É professor universitário, não é?

— Pois — proferiu o barbeiro —, tem razão. O aumento do Hawk não lhe toca a ele; mas olhe que também não lhe calhava nenhum se o Darmon fosse eleito.

— Ooh, alguma coisita havia de lhe calhar. Todas as escolas apoiam o Darmon. Arriscam-se a ganhar a fatia que lhes compete — manuais escolares de graça, ou mesas novas, ou coisa que o valha. As regras do jogo são essas.

— Melhores escolas — balbuciou Rayber — beneficiamos a todos.

— Parece que já oiço essa cantiga há muito tempo — comentou o barbeiro.

— Não há maneira de passar a perna às escolas, está a ver? — explicou o homem. — É assim que se defendem, dizem que beneficiam toda a gente.

O barbeiro riu-se.

— Se alguma vez lhe passou pela cabeça... — começou Rayber.

— Talvez ponham uma mesa nova na frente da sala só para si — riu o homem em voz alta. — E esta, Joe? — disse dando uma cotovelada ao barbeiro.